

TRAMAS DA CRÔNICA: UM SOLITÁRIO À ESPREITA, DE MILTON HATOUM

Valéria Moisin de Araujo¹

RESUMO: Neste artigo propomos-nos a apresentar alguns aspectos do modo de narrar nas crônicas reunidas no livro *Um solitário à Espreita*, de Milton Hatoum, considerando a poética da crônica deste autor, as ideias de Antonio Candido complementada por pesquisas de outros autores sobre o tema. Apresentamos, em primeiro lugar, o histórico da crônica como gênero literário na Europa e no Brasil, incluindo o Amazonas, e o histórico das crônicas de Hatoum. Também demonstramos o modo como é construída a trama em algumas crônicas do citado livro, tais como a hibridização do real com o ficcional, a construção do espaço, do tempo e dos personagens, empregando como quadro teórico as ideias de Hatoum e de Antonio Candido, a respeito dessa forma literária. Verificamos, ainda, se alguns dos processos de escrita encontrados nas crônicas do citado livro são observadas por pesquisadores na primeira obra de Hatoum, *Relato de um Certo Oriente*, tais como os analisados por Marleine Toledo, Maria da Luz Cristo e Stefânia Chiarelli.

PALAVRAS-CHAVE: Um solitário à espreita; Milton Hatoum: crônica

ABSTRACT: In this article we propose to present some aspects of the way of narrating in the chronicles gathered in the book *Um solitário à espreita*, by Milton Hatoum, considering the poetics of the chronicle of this author, the ideas of Antonio Candido complemented by researches of other authors on the subject. We present, first, the history of the chronicle as a literary genre in Europe and Brazil, including the Amazon, and the history of the Hatoum chronicles. We also demonstrate how the plot is constructed in some of the chronicles of the book, such as the hybridization of the real with the fictional, the construction of space, time and characters, using as theoretical framework the ideas of Hatoum and Antonio Candido, about this literary form. We also verify if some of the writing processes found in the chronicles of the mentioned book are observed by researchers in the first work of Hatoum, *Relato de um certo Oriente*, such as those analyzed by Marleine Toledo, Maria da Luz Cristo and Stefânia Chiarelli.

KEYWORDS: Um solitário à espreita; Milton Hatoum: chronicle

INTRODUÇÃO

Na Nota do Autor que apresenta *Um solitário à espreita* (2013, p. 9), Milton Hatoum escreve que os textos desse livro podem ser lidos como crônicas, contos ou breves recortes da memória. Mas ele escolhe qualificá-los de crônicas e conta que os textos reunidos nesse livro foram publicados nos últimos dez anos, no caso, de 2003 a 2013, e informa que esse tipo de escrita sua é tardia em relação aos romances e contos.

No texto seguinte, intitulado *Um inseto sentimental*, Hatoum registra sua poética da crônica, isto é, teoriza sobre o ato de escrever a crônica literária. Do texto, entende-se que:

¹ Graduada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP. Professora de Português Língua Estrangeira no Programa Idiomas sem Fronteiras – IsF/FLET/UFAM. E-mail: vmoisin@gmail.com

1. O inseto é a metáfora dos bloqueios do ato de escrever e de que desse obstáculo pode surgir um tema imprevisto do qual se pode escrever a crônica;

2. O tema da crônica é singelo e ao mesmo tempo pungente como a fotografia da mãe do autor abraçada a ele, a qual lhe desperta a lembrança da mãe falecida;

3. A crônica deve dar a sensação de que a escrita é um tanto despreocupada como na conversa cotidiana, escondendo, assim, a trama com que foi elaborada, como o voo do inseto.

4. Hatoum escreve a crônica *Um inseto sentimental* como se estivesse contando um fato corriqueiro, sem aparente preocupação com a escolha vocabular nem a ordenação das ideias nas frases;

5. Depois de pronta, e revelada pela imagem do inseto repousando na fotografia dentro da caixa de papelão, a crônica assume vida independente do autor, ação representada pelo gesto do autor de tirar cuidadosamente o inseto do quarto e soprar sobre a fotografia onde está para lhe dar liberdade;

6. A crônica constitui-se em metanarrativa, pois o autor revela que a está escrevendo enquanto o leitor a lê;

7. A crônica deve gerar encantamento, surpresa, como a lembrança e a saudade que a ação do inseto despertou no autor.

Diante dessa constatação, propomo-nos, neste artigo, a demonstrar a poética da crônica de Hatoum acima resumida por meio de seu livro *Um solitário à espreita*. Alguns teóricos serão trazidos para respaldar, aprofundar e mesmo contestar o posicionamento hatouniano.

A escolha da obra do amazonense Milton Hatoum surgiu após um trabalho para homenageá-lo através de um projeto vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Língua Portuguesa do qual participo. O contemporâneo Milton Hatoum é um dos grandes escritores vivos do Brasil e também de grande prestígio internacional. Nos anos 70, residiu em São Paulo onde se formou em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, trabalhou como jornalista cultural e foi professor universitário de História da Arquitetura da USP. Viajou para a Espanha como bolsista, depois passou três anos na França estudando Literatura Comparada na Sorbonne – Paris 3. Foi professor de Literatura Francesa na Universidade Federal do Amazonas e professor visitante da Universidade da Califórnia. Foi também escritor residente nas universidades de Yale, Standford e Califórnia.

Escreveu quatro romances premiados: 1. *Relato de um certo Oriente* (1990) - que o projetou internacionalmente e com o qual recebeu o prêmio Jabuti de melhor romance; 2. *Dois Irmãos* (2001) – eleito o melhor romance brasileiro entre 1990 e 2005, com o qual novamente ganhou o prêmio Jabuti e foi indicado para o prêmio IMPAC-Dublin e Multicultural do Estadão;

3. *Cinzas do Norte* (2005) – seu terceiro romance conquistou os prêmios Portugal Telecom, Grande Prêmio da Crítica/APCA, Jabuti, Livro do Ano da CBL e Bravo. Recebeu, do Ministério da Cultura, a Ordem do Mérito Cultural (1988). Em 2010, com a versão inglesa, *Cinzas do Norte* foi indicado ao prêmio IMPAC- Dublin; 4. *Órfãos do Eldorado* (2008) também lhe granjeou o prêmio Jabuti. Em 2009 lançou o livro de contos *A Cidade ilhada*.

O autor publicou ensaios e artigos sobre literatura brasileira e latino-americana em revistas brasileiras e estrangeiras. Publicou também *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus* (2006) em parceria com o crítico literário Benedito Nunes. Sua obra foi traduzida em dez línguas e publicada em quatorze países. Em 2013 lançou *Um solitário à espreita: crônicas*, um conjunto com 96 peças primeiramente publicadas em jornais e revistas nos últimos dez anos. Segundo o colunista Roberto Amorim, Hatoum possui "uma linguagem caudalosa e envolvente que faz o leitor sentir a força da boa literatura" (2013). Para Hatoum, a memória é o lugar da hesitação e da ambiguidade, e a escrita da memória leva o leitor à permanente indefinição, pois não mais encontrará o que se perdeu: identificações culturais, familiares e psicológicas.

Como Antonio Candido diz, a crônica não é um "gênero maior", porque sobressai uma linguagem próxima do nosso modo de ser natural. Se pensarmos na crônica como um gênero e lembrarmos que,

o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase. Não que estas coisas sejam necessariamente ruins. Há estilos roncantes mas eficientes, e muita grandiloquência consegue não só arrepiar, mas nos deixar honestamente admirados. O problema é que a magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade. (CANDIDO, 1992, p. 14)

Após as considerações acima e sob o prisma crítico e teórico do real e do ficcional, propomos-nos a apresentar breve estudo sobre a obra de Milton Hatoum, e reforçamos o propósito de analisar o modo como esse narrador-solitário que, de uma maneira pessoal e inflexível e olhar bisbilhoteiro, trama fatos em diferentes espaços urbanos no Brasil e no restante do mundo.

Antes de comentarmos as crônicas hatounianas, será dado um tratamento tanto histórico quanto literário da crônica no Brasil e no Amazonas apoiado em *A crônica*, de Jorge de Sá, *Prosadores do Amazonas*, da União dos Escritores do Amazonas, *Crônica brasileira contemporânea* e *Crônica: o mais brasileiro dos gêneros literários*, de Manuel da Costa Pinto para nos situarmos na sua trajetória dessa escrita literária até os dias atuais. As entrevistas do autor para o site CULT, Milton Hatoum, "Um cronista à espreita", e "Hesitação e ambiguidade",

para o jornal Valor Econômico, em que ele trata da hibridização do real e ficcional, serão discutidos.

EM TORNO DA CRÔNICA

O crítico Antonio Candido afirma que a crônica se constitui em um meio de “estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas” (1992, p.14). Ao dispor de um cenário elevado, retira o insignificante e o torna grandioso, belo ou “uma singularidade insuspeitada” (1992, p.14). Sem rodeios e utilizando-se do humor, pode-se dizer que a crônica é amiga da verdade e da poesia,

Isto acontece porque não tens pretensões em durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, Mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no outro dia é usada para embrulhar um sapato ou forrar o chão da cozinha (CANDIDO, 1992, p. 14)

A circunstância de ser cronista foi interpretada por Rubens Braga em seu primeiro livro *O conde e o passarinho* publicado em 1934 e perceptível em “Ao respeitável público”,

O jornal é grande, senhorita, é imenso, cavalheiro, tem crimes, tem esporte, tem política, tem cinema, tem uma infinidade de coisas. Aqui nesta coluna, eu nunca lhes direi nada, mas nada de nada, que sirva para o que quer que seja. E não direi porque não quero; porque não me interessa; porque vocês não me agradam; porque eu os detesto (BRAGA, 2002, p.25).

Para Eduardo Portella (1977), ao versar das questões para esclarecer o gênero, admite que a temática “a cidade” faz com que subsista uma crônica literária:

A crônica literária brasileira sempre tem procurado ser uma crônica urbana: um registro dos acontecimentos da cidade, a história da vida da cidade, a cidade feita letra. Seria, portanto, um gênero dos mais cosmopolitas. Mas nesse cosmopolitismo nada existe que se possa confundir com descaracterizações nacionais. Há nos cronistas, e nos referimos ao cronista da grande cidade, do Rio por exemplo, um apego provinciano pela sua metrópole, que é, aliás, um dos seus segredos. E é em nome desse apego que ele protesta diante das deformações do progresso, que ele aplaude o que a cidade possui de autenticamente seu. E, desta maneira, luta para transcender com ela. (PORTELLA 1977, p.85)

A estrutura da obra literária, de cunho ficcional ou não, é composto de uma série de planos em que “o único real, sensivelmente dado, é o dos sinais tipográficos impressos no papel”, porém não possui nenhuma funcionalidade na sua concepção.

Para Candido, o caráter ficcional de um escritor não depende de critérios de valores e sim de problemas ontológicos, lógicos e epistemológicos. Podemos exemplificar em um trecho da crônica *Dança da espera* que “projeta um correlato objectual que constitui certo ser fora da oração” (2002, p.12) :

O nome dela era um convite ao sonho: Sálvia Belamar. E seu tipo físico parecia uma dissidência antropológica da nossa imensa tribo morena. Da minha turma de amigos, só Jason Reilly – filho de um irlandês com uma cabocla – era aloirado. Sálvia era ruiva e alta; o rosto e os braços brancos pareciam desprezar o sol do equador. Além de reclusa, era solitária. Mas sua solidão diuturna rebelava-se uma vez por semana. Não sei como ela vivia, nem de que vivia. (HATOUM, 2013, p.21)

Os personagens projetados em *Dança da espera*, “Sálvia” e “Jason”, devem ser distinguidos da “Sálvia” e “Jason” reais, pois o correlato da oração exposta pode referir-se a uma jovem ou um jovem que exista, numa esfera ôntica autônoma.

O autor adota o pretérito na maioria das narrativas, e considerando que apesar de determinada narrativa “ter o cunho fictício do *era uma vez*, tem em geral mais força *realizadora* e *individualizadora* do que a voz presente” (CANDIDO, 2002, p.13). Para Bachelard, “o verdadeiro bem-estar tem um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova” (1979, p. 200). Podemos observar esse modo nas narrativas *Um enterro e outros carnavais*, *História de dois encontros*, *Um perroquet amazone*, *Valores ocidentais* e “*A parasita azul*” e *um professor cassado* :

Recordei outros carnavais quando fui ao enterro de D. Faride, mãe do meu amigo Osman Nasser. Quando eu tinha uns catorze ou quinze anos de idade. Osman beirava os trinta e era uma figura lendária na pacata Manaus dos 1960 (HATOUM, 2013, p.24).

Mas lembro que o louro gostou de São Paulo, comia aqui e banana com um apetite veroz, e, quando me via triste e cansado nas noites que eu estudava para o vestibular, ele gritava: “*Alors, mon copain, on chante quelque chose?*” (HATOUM, 2013, p.30).

Estudávamos na mesma sala do Pedro II, onde concluímos o curso ginásial. Depois eu saí de Manaus e passei muito tempo sem vê-lo (HATOUM, 2013, p.39).

Na primavera do ano passado fui visitar uma amiga em Dijon, aonde eu só tinha ido uma vez, em 2002. Ao sair da estação de trem, reconheci-a de

imediatamente. O tempo não parecia ter sido tão cruel com ela como fora comigo (HATOUM, 2013, p.159).

Na tarde de um sábado de 1965, um homem alto e esquelético entrou no pátio da minha casa manauara e bateu palmas. Carregava uma maleta e parecia prostado pelo calor, quando olhei o rosto dele, pensei que chorava aos prantos, mas foi uma falsa impressão: os olhos estavam encharcados de suor (HATOUM, 2013, p.180).

Fundamentados nas bases definidas por Candido, na obra de ficção, o raio da intenção é deter nos seres intencionalmente, referindo-se de um modo indireto. “O fato é que mesmo uma cidade realmente existente torna-se ficção no contexto fictício, já que representa determinado papel no mundo imaginário” (2002, p.17).

Podemos destacar a ficcionalização em *Cartões de visita*, *Flores secas do Cerrado*, *Uma pintura inacabada* e *Dormindo em pé, com meus sonhos*:

Em 1994, quando morei em Berkeley, já era proibido encarar uma aluna por mais de cinco segundos; eu lecionava com os olhos no teto ou na parede do fundo da sala (HATOUM, 2013, p.71).

A mulher de Minas ganha menos que dois salários mínimos e mora em Samambaia, um das favelas do Distrito Federal.. Na época que morei em Brasília ninguém dizia favela, e sim cidade-satélite (HATOUM, 2013, p.95).

Arrecifes, um recorte do mar verde e um pedaço do céu de Olinda. Essa era a paisagem que se via do ateliê de José Cláudio da Silva (HATOUM, 2013, p.151).

Estevão, que mora numa pensão em Santa Cecília, me contou que os hóspedes – estudantes do interior de São Paulo e do Paraná – o apelidaram de Eterno, Não gostou do apelido (HATOUM, 2013, p.236).

O espaço utilizado como cenário nas narrativas é configurado de forma poética, sobre as imagens dos lugares onde se passa a vida cotidiana dos muitos personagens cujas memórias misturam melancolia, afetos e questões políticas vivenciadas ou não pelo autor, ou seja,

A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar (BACHELARD, 1979, p.183).

Bachelard (1979) acrescenta também que, “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa”. O espaço das narrativas de *Um solitário á espregueira* é tratado como o exemplo dado por Bachelard, cada cenário é uma “casa” por onde o olhar do narrador passeia.

Nessas condições, se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz. Somente os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. Ao devaneio pertencem os valores que marcam o homem em sua profundidade. O devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização. Ele desfruta diretamente seu ser (BACHELARD, 1979, p.201).

Em algumas passagens em *Um solitário à espreita*, o autor faz referências a fatos de sua infância em reuniões familiares em sua casa e, para Bachelard (1979), é graças à casa que grandes lembranças são então preservadas, e

se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. Voltamos a eles durante toda a vida em nossos devaneios. (BACHELARD, 1979, p. 202).

Nesse sentido é relevante investigar esse espaço na obra e como se dá o processo da hibridização do real com o ficcional.

Observamos que esse recurso ocorre por meio da construção de “pequenos fragmentos de reflexão da vida cotidiana (que é uma das possíveis definições da crônica)”, segundo Manuel da Costa Pinto (2005, p. 7). No tocante dessas reflexões da vida cotidiana podemos observar em *o Adeus aos quintais e à memória urbana*:

Em Recife e Manaus – metrópoles do Norte e Nordeste – o quintal das casas está sendo substituído por um piso de cimento ou lajota. Em Boa Viagem, bairro recifense, uma muralha de edifícios projeta uma extensa área de sombra na praia, de modo que os banhistas tem que se contentar com estreitas línguas de sol. No país tropical, luz e sombra projetam-se em lugares trocados.

O mais irônico, tristemente irônico, é que a imensa maioria dos prefeitos e vereadores da era democrática não pensa na relação da natureza com a cidade (HATOUM, 2013, p.154).

Na crônica *Dilema*, Justo Calisto busca um motivo que possa transformar sua vida em meio à brutalidade e às ações repetitivas, inclusive nos domingos, em que as pessoas deveriam usufruir de situações diferentes das convencionais. O personagem vislumbra a pista para sua procura na passagem de um barco em que uma mulher misteriosa se fixa proa. Se tudo a volta de Justo é esvaziado de sentido, o barco que rumo para os dois rios, o velho segurando o timão e a mulher, despertam-lhe o gosto pelo desconhecido: “Agora, no alto da colina, ele pensa no que pode acontecer...” (HATOUM, 2013, p. 258). Justo não precisa saber o que virá, o importante é que será algo diferente da mesmice, do egoísmo que cega as pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jorge de Sá escreve que quem narra a crônica é o seu autor e ele escreve como se tudo tivesse realmente acontecido. Esse fator leva o leitor a se ver diante de uma reportagem. Uma reportagem com intensa carga poética, podemos afirmar, vista em tantos outros aspectos, não apontados neste artigo, como a aparente ideia de que o acontecimento se deu por acaso ou da presumida superficialidade do texto. Como interpretar Candido, “é curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram no fundo do significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social” (1992: 17-8). O que ocorre, realmente, é o equilíbrio da poesia com o jornalismo, mostrado na emoção que desperta o tratamento de uma situação aparentemente banal e que é narrada e/ou descrita com intensa sensibilidade poética.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Roberto. Ler Milton Hatoum é sentir a força da literatura. Tudo Na Hora Disponível em : <http://tnh1.ne10.uol.com.br> . Acesso em: 15 agosto de 2013.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Cap. II. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1979.

BRAGA, Rubem. O conde e o passarinho. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CANDIDO, Antonio et al. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Cada de Rui Barbosa, 1992.

_____. A personagem de ficção. 2ed São Paulo: Editora Perspectiva. Debates.

_____. A Vida ao Rés-do-chão. In: A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Cada de Rui Barbosa, 1992.

CHIARELLI, Stefania. Vidas em Trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum. São Paulo: Annablume, 2007.

CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum. Editora da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2007.

COUTINHO, Afrânio et al. A literatura no Brasil. 3 ed. Volumes 1 e 6. Rio de Janeiro: José Olympio; Niteroi: UDUFF, 1986.

FERNANDES, Maria C. Hesitação e Ambiguidade. Disponível: <http://www.miltonhatoum.com.br/sobre-autor/hesitacao-e-ambiguidade-milton-hatoum-lanca-primeiro-livro-de-chronicas-um-solitario-a-espreita-por-maria-cristina-fernandes-valor-economico-12072013>. Acesso em: 25 setembro de 2013.

HATOUM, Milton. Um solitário á espreita: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MARINHO, Mariana. Milton Hatoum, um cronista á espreita. Revista Cult. Disponível em : <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/milton-hatoum-um-cronista-a-espreita/>. Acesso em: 25 setembro de 2013.

MARTINS, Priscila Rosa. Revisitando a crônica brasileira: a condição do cronista. Estação Literária. Londrina, 2010. Disponível em : <http://www.uel.br/pos/letras/EL> . Acesso em: 25 outubro de 2013.

MILTON HATOUM - Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/>. Acesso em: 15 agosto de 2013.

PORTELLA, Eduardo. A cidade e a letra. In: _____. Dimensões I. Rio de Janeiro: José Olympo, 1958.

PINTO, Manuel da Costa (org.). Crônica brasileira contemporânea. São Paulo: Moderna, 2005.

_____. Crônica, o mais brasileiro dos gêneros literários. In: PINTO, Manuel da Costa (org.). Crônica brasileira contemporânea. São Paulo: Moderna, 2005.

SÁ, Jorge de. A crônica. São Paulo: Ática, 2002.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. Milton Hatoum: itinerário para um relato. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

UBE-AM (União Brasileira de Escritores - AM). Prosadores do Amazonas. Antologia. Manaus: UBE-AM, 1982.

Recebido em: 27/12/2017

Aprovado em: 25/02/2018

Publicado em: 01/07/2018